



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Gobitta, Mônica; Guzzo Souza Lobo, Raquel
Estudo Inicial do Inventário de Auto-Estima (SEI) Forma A
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 15, núm. 1, 2002
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18815116>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Estudo Inicial do Inventário de Auto-Estima (SEI) –

Mônica Gobitta^{1,2,3}

Raquel Souza Lobo Guzzo

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Resumo

No presente estudo buscou-se investigar os índices de precisão do Inventário de Auto-Estima (SEI)-Forma A, da auto-estima do grupo estudado considerando-se as variáveis: gênero e faixa etária nas dimensões estudadas. Participantes deste estudo 142 crianças e adolescentes de dez a 18 anos. Os resultados referentes ao inventário mostraram índices satisfatórios quando considerados os resultados da pontuação geral, o mesmo não ocorreu com a consistência interna analisada através da correlação item-total. Quando submetida à dimensões estudadas. Com relação aos resultados descritivos obtidos, estes apresentaram pequenas diferenças entre as variáveis pesquisadas. Estes resultados levaram à discussão da adaptação transcultural de instrumentos de avaliação e as conclusões deste estudo apontam para que o instrumento escolhido seja aperfeiçoado em investigações futuras no sentido de melhorar a consistência interna.

Palavras-chave: Auto-estima; avaliação psicológica; adaptação de testes.

Initial Study of the Self-Esteem Inventory (SEI) – Form A

Abstract

In this study the aims were to investigate the rates of reliability of the Self-Esteem Inventory (SEI) - Form A, of the self-esteem considering the variables gender and age, in the four dimensions studied by the Inventory. Participants of this study were 142 children and adolescents from ten to 18 years old from a public school. The results regarding the reliability of the Self-Esteem Inventory (SEI) - Form A showed that the reliability had pointed satisfactory rates of the Self-Esteem Inventory (SEI) - Form A. When analyzed through the item-total correlation indicated problems in same items. Internal consistency analyzed through the item-total correlation indicated problems in same items. Regarding the descriptive results obtained, these presented small differences between the variables investigated. These results led to discussions concerning the transcultural adaptation of assessment instruments and this study's conclusions point towards improving the chosen instruments in future investigations, towards improving the internal consistency.

Keywords: Self-esteem; psychological assessment; test adaptation

Abordar cientificamente o tema auto-estima pode não parecer justificável, pois gera a sensação de que, de tão popularizada por livros de auto-ajuda, pelo senso comum e por ter se tornado uma palavra fácil na *psicologização* das relações humanas, não faz sentido tal empreitada. Porém, como sugere Mruck (1998), pode-se relacionar pelo menos cinco razões para justificar a necessidade de um enfoque científico para estudo da auto-estima: 1) é um construto muito mais complexo do que pode parecer, pois está fortemente associado com outros aspectos da personalidade; 2) está relacionada à saúde mental ou bem estar psicológico; 3) a sua carência se relaciona com certos fatores mentais negativos como depressão e suicídio;

auto-estima; 4) é um conceito socialmente construído (Wells e Marwell 1976) constatando-se que a auto-estima surge como um dos indicadores mais relevantes para a análise de crescimento e progresso social; 5) possui elevada relevância social obtida por Mruck (1998), “pesquisadores devem reconhecer a importância da compreensão do papel que desempenha a auto-estima no desenvolvimento social” (p. 10). Exemplos contemporâneos como abuso de drogas, fracasso escolar e delinquência juvenil estão associados a este construto.

Alfred Adler e George Herbert Mead, pode-se encontrar as reminiscências deste construto da personalidade.

Os autores aqui citados contribuíram com as suas idéias para a definição do construto auto-estima, tais como a forma como o indivíduo elege as suas metas, na visão de W. James, a aceitação de si mesmo em A. Adler, a importância do outro significante enfatizado por C. H. Cooley e G. H. Mead, e a autenticidade do eu em K. Rogers, que constituíram um pano de fundo ao que mais recentemente foi incorporado a este tema (Bednar & Peterson, 1995). Cada um destes autores contribuiu para a compreensão do conceito de si mesmo e para a definição da auto-estima como o aspecto valorativo e afetivo deste conceito.

A investigação de Rosenberg (1983) é bastante representativa na explicação das condições associadas com a melhora e com a diminuição da auto-estima. Coopersmith (1967), realizou amplo estudo sobre auto-estima intitulado “Os Antecedentes da Auto-Estima”. Este autor tem sido tradicionalmente citado em todos os trabalhos de revisão do construto e na maioria dos estudos empíricos relacionados ao tema (Andrew & Tracy, 1996; Baumrind, 1967; Bednar & Peterson, 1995; Bracken, 1996; Buss, 1995; Coll, Palacios & Marchesi, 1995; Friedman, Gettys & Rogers, 1975; Harter, 1993; Martins, 1997; Mruck, 1998; Nisbet, 1996; Powers, Singer & Sowers, 1996; Sanches, Jiménez & Merino, 1997; Souza, 1978; Wyllie, 1974).

Coopersmith (1967) estudou as condições e experiências concretas que fortalecem ou debilitam a auto-estima, empregando tradicionais métodos psicológicos, particularmente mediante a observação controlada. Considerou que as maiores relevâncias para o seu estudo são as indicações de que dominação de crianças, rejeição e punição severa resultam em auto-estima rebaixada. Sob tal condição, as crianças experimentam menos o amor e sucesso, e tendem a ficar geralmente submissas e passivas (embora mudando de comportamento, ocasionalmente, para o oposto extremo de agressão e dominação). Crianças que vivem em ambientes de alta auto-estima tendem a ser mais competentes, mais sociáveis, mais resistentes ao estresse e mais capazes de lidar com os desafios da vida.

vêem como impotentes e inferiores ou de melhorar a situação, além de lhes internos para tolerar ou reduzir a ansiede despertada por eventos cotidianos e tensão autor que estudos clínicos demonstram que fracassos e outras condições que insuficiências pessoais são, provavelmente de ansiedade. Segundo ele, "ansiedade e proximamente relacionadas: se for a ansiedade, como aparece teoricamente, é que está sendo ameaçada" (p. 4).

Coopersmith (1967) refere-se, também, que:

“Uma pessoa com auto-estima alta é uma pessoa bastante constante das suas capacidades e de si mesma, e que pessoas criativas têm alto grau de auto-estima. Estas pessoas com auto-estima alta têm maior probabilidade para assumir papéis ativos e efetivamente expressam as suas visões. Muitas vezes, por medos e ambivalências, aparentemente direitivamente e realisticamente às suas metas.”

Finalmente, a definição de auto-estima citado é:

“... a avaliação que o indivíduo faz, e mantém, em relação a si mesmo. Expressa aprovação ou desaprovação e indica o grau se considera capaz, importante e valioso. A estima é um juízo de valor que se expressa que o indivíduo mantém em face de sua experiência subjetiva que o indivíduo exerce. Os relatos verbais e expressões públicas de autoestima (Coopersmith, 1967, pp. 4-5).

Uma outra questão importante para “quais são as características dos outros alimentam positiva ou negativamente (Bednar & Peterson, 1995). Para avaliar Coopersmith (1967) dividiu as auto-avaliações em quatro áreas de avaliações subjetivas: percepção de si-mesmo ou eu geral. Dentro destas

instrução, localização geográfica, classe social, ocupação do pai ou mãe, ou presença constante da mãe em casa. Ele concluiu, a respeito disso, que não existem correlações significantes entre estes fatores. O que ele constatou como significativo para a formação do “eu” foi o relacionamento entre a criança e os adultos importantes de sua vida. Ele encontrou cinco condições que contribuem para melhorar a auto-estima da criança: a) experimentar uma total aceitação de seus pensamentos, sentimentos e valores pessoais; b) estar inserida num contexto com limites claramente definidos, desde que sejam justos e não opressores; c) os pais não usarem de autoritarismo e violência para controlar e manipular a criança, bem como não humilhar, nem a ridicularizar; d) os pais devem manter altos padrões e altas expectativas em termos de comportamentos e desempenhos da criança; e, e) os pais devem apresentar um alto nível de auto-estima, pois eles são exemplos vivos do que a criança precisa aprender. Baumrind (1967) estudou atitudes parentais e auto-estima e constatou características similares às que Coopersmith descreve, ou seja, a correlação entre auto-estima alta nas crianças e aceitação e respeito à individualidade por parte dos pais, dentro de uma postura de autoridade e firmeza.

Avaliação e Medidas em Auto-Estima

Azevedo, Almeida, Pasquali e Veiga (1996) referem-se às dificuldades freqüentemente enumeradas a propósito dos testes psicológicos, como maiores ou mais sentidas em países onde faltam instrumentos devidamente validados e padronizados. Segundo estes mesmos autores, apesar dos problemas enfrentados no Brasil, como “falta de recursos para pesquisa, poucos pesquisadores na área, menor investimento das escolas que formam psicólogos, pouca sensibilidade dos organismos de psicólogos para os problemas enunciados ou o fraco intercâmbio com colegas dentro e fora do Brasil com interesses na avaliação psicológica e outros” (p. 215), é observada uma fase de alta produção na área, devido aos laboratórios de

da International Test Company, algumas para adaptação de instrumentos educacionais e psicológicos.

O uso do modelo de Brislin pelo método da “back-translation” comitê acima mencionado, e repete a possibilidade bons resultados demonstrou Guzzo (1999). O tradutor do instrumento da versão que se destina a adaptação; b) a ser feita por meio da primeira tradução; o original devem ser, então, analisados pelos tradutores; e d) uma análise estatística deve ser realizada para estabelecer a validade da tradução. Se os resultados não forem válidos, uma segurança deve ser garantida, repetindo-se o processo para obter resultados mais precisos.

A auto-estima e o auto-conceito são muito semelhantes e embora a sua definição seja bem estabelecida na Psicologia, notadamente reconhecida, a literatura reveste-se de dificuldades na definição deles. Os instrumentos comumente utilizados para avaliar a auto-estima estão articulados e, em outros casos, os instrumentos que avaliam o auto-conceito.

Relacionadas com os problemas de auto-estima estão as observações de que muitas destas dificuldades em dois tipos principais. O primeiro tipo consiste em problemas decorrentes da auto-estima como fenômeno; o segundo é o problema da definição, o vínculo entre a auto-estima e outros aspectos relacionados com a personalidade, ou seja, as intrínsecas da auto-estima. As observações de que tanto das expectativas psicológicas quanto da presença de uma grande diversidade de instrumentos de investigação usados para o estudo das dificuldades em relação à validade e ao uso de diferentes instrumentos que avaliam a auto-estima.

Fatores que estão relacionados ao instrumento para medir a autoestima.

defensivas, comumente encontradas em auto-informes de auto-estima (Mruk, 1998).

Em recente pesquisa realizada por Guzzo, Gayotto, Messias e Silva (1998) constatou-se 2599 artigos com a palavra chave *self-concept* (auto-conceito); desses, 309 artigos falam também de *self-esteem* (auto-estima) no banco de dados do PsycLIT, entre 1991 a 1997. Nos artigos nos quais foram encontradas referências a estudos com auto-estima foram mais citados os seguintes instrumentos de medida: Tenesse Self-Concept Scale (TSCS) (Fitts, 1965), Self-Esteem Inventory Inventário de Auto-Estima (SEI) Forma-A (Coopersmith, 1989), Piers-Harris Children's Self-Concept Scale (PHSCS) (Piers, 1984), Self-Description Questionnaire I (SDQ I) (March, 1988); Self-Description Questionnaire II (SDQ II) (March, 1990), Rosenberg Self-Esteem Scale (Rosenberg, 1979), Self-Esteem Index (Brow & Alexander, 1991), entre outros (Guzzo, Gayotto, Messias & Silva, 1998). No que respeita a revisão da literatura nacional, observam-se poucas referências à adaptação, para a realidade brasileira, de instrumentos que avaliem a auto-estima. Martins (1997) constatou que existem alguns instrumentos de origem norte-americana traduzidos e adaptados para a realidade brasileira: "How I see my self", de Ira Gordon (adaptada por Popovic, Esposito & Cruz, 1973) e Escala de Auto-Estima de Janis e Field (Martins, 1997).

Dentre os instrumentos utilizados para a avaliação da auto-estima está o "SEI-Self-Esteem Inventory (SEI) – Forma A", desenvolvido por Coopersmith (1989), que por apresentar boas qualidades psicométricas em estudos anteriores e por ser um dos mais citados na literatura, foi selecionado para que neste estudo seja adaptado à realidade brasileira. Possibilitando que, em estudos posteriores, possa ser realizada a sua validação.

Método

Participantes

Foram considerados participantes 142 alu-

idade/série é notada, pois 30 sujeitos (5%) têm idade menor que a esperada para a série. Da mesma forma, 19 sujeitos (54,5%) estão com idade maior ou muito superior para o esperado para a série, os sujeitos que apresentam distorções são 8 (28,6%) e na sétima série apenas quatro com idade inferior, e nenhum se encontra na sétima.

Optou-se por aplicar o instrumento para estudantes das séries citadas, com o objetivo de avaliar a idade dos sujeitos a partir dos dez anos de idade, segundo Coopersmith (1989) o instrumento deve ser aplicado a pessoas com experiências suficientes e habilidades para abstratamente e fazer avaliações de suas potencialidades. Com relação, ainda, à faixa etária, contou com a seguinte divisão: 33 (23,2%) se na faixa dos dez aos 11 anos e 11 meses, encontram-se na faixa dos 12 aos 13 anos (19,7%) entre 14 e 15 anos e 11 meses, de 16 a 17 anos e 11 meses, e apenas 1 (0,7%), entre 18 a 19 anos e 11 meses. Pode-se notar que a maioria está entre a faixa de dez a 13 anos e 11 meses (72,5%).

Material

Para o presente estudo foram utilizados os instrumentos:

Self-Esteem Inventory (SEI)-Forma A, para alunos. No presente trabalho será utilizada a versão em português da Escala de Auto-estima (SEI) - Forma A.

Folhas de Respostas do Inventário de Auto-estima (SEI) - Forma A e Escala de Avaliação da Realidade (BRF).

Os instrumentos citados foram traduzidos da língua inglesa para adaptação transcultural no Laboratório de Avaliação e Medidas Psicológicas.

Tais instrumentos foram originalmente desenvolvidos por Stanley Coopersmith (1967, 1989) e a versão em português é uma adaptação da versão original, com 50 itens. Foram, ainda, incluídos 10 itens de escalação reversa.

separadamente, ou seja, as respostas a estes itens nunca devem ser incluídas no Total Possível de Pontuação da auto-estima. Para pontuar estes itens, soma-se um ponto para cada item respondido com “tem a ver comigo”. As quatro dimensões podem ser pontuadas separadamente.

Em seu estudo Coopersmith (1967) ressalta que a forma final do Inventário foi administrada nas quintas e sextas séries ($N=87$), a meninos e meninas. A pontuação variou de 40 a 100, com média de 82,3 e ($dp=11,6$). A pontuação média para os homens foi 81,3 ($dp=12,2$). Para as mulheres foi 83,3 ($dp=16,7$). A diferença entre a pontuação média de meninos e meninas não foi significante. A distribuição foi inclinada em direção à alta auto-estima.

A Folha de Resposta do Inventário de Auto-estima (SEI) – Forma A, apresenta campo destinado à coleta de dados para caracterização dos sujeitos, com perguntas sobre: identificação, sexo, data de nascimento, escola, série que freqüenta e nível de escolaridade dos pais.

Procedimento

As aplicações aos alunos do Inventário de Auto-estima (SEI)-Forma A foram realizadas coletivamente. Em todos os momentos de coleta de dados o caráter sigiloso do procedimento foi claramente mencionado. A diretora da

escola prontificou-se em informar sobre a realização da pesquisa a cientes.

Results

O índice de precisão do I (SEI) Forma A ($N=142$) obtidas nas dimensões estudadas pelo não são satisfatórios (“eu geral” =38; “família” =38; “escola” =38); visualizar o resultado da análise (rit), com o alpha de Cronbach mesmos índices no Inventário estudos pelo Inventário (“eu”, “grupo social”), distribuídos com rit < 0,20; itens com 0,20, 0,30 < rit < 0,40 e itens com

Para a análise dos resultados sujeitos, relativamente à variável considerada a somatória dos sintomas. Na Tabela 2 pode-se observar a estimativa em função dos quartis. A pontuação até 60 (autoquartil refere-se à pontuação média baixa); o terceiro quartil

Tabela 1. Índice a de cada Dimensão e Freqüência dos Ítems com Índice de Correlação Geral do Inventário de Auto-Estima (SEI) - Forma A, Agrupados em Quatro Índices

Dimensões	ítems	α	Freqüência da correlação item-		
			< 0,20	0,20 a 0,30	0,30 a 0,
			F	F	F
Eu Geral	26	0,65	12	7	4
Grupo Social	8	0,27	6	1	1
Família	8	0,38	3	1	2
Escola	8	0,34	7	1	0

71 a 78 (auto-estima média alta) e o quarto quartil refere-se à pontuação de 79 a 100 (auto-estima alta).

Considerando, portanto, todos os sujeitos avaliados pelo SEI ($N= 142$) foi constatado que o quartil com a maior freqüência foi o referente à auto-estima baixa com 40 (28%) sujeitos, sendo 21 (52%) do sexo masculino e 19 (48%) do sexo feminino. Vê-se que na amostra de sujeitos do sexo masculino houve uma discreta predominância de alunos ($n=21$ ou 27%) no quartil auto-estima baixa. Quanto

(58) e mais alta para os do sexo feminino (61). “família”, a pontuação foi mais alta para os sujeitos femininos (59) do que para os sujeitos masculinos (59) do que para os sujeitos femininos. Em relação ao efeito da diferença de médias entre os sexos, o nível de significância obtido para este foi: $t = 0,738$, $gl = 139$, $p = 0,462$.

Quando considerada a variável idade, observa-se que na faixa etária de 13 a 15 anos os sujeitos apresentaram pontuação mais elevada em todas as dimensões.

Tabela 3. Pontuação dos Participantes por Faixa Etária

Quartis	Idade (anos)						f_{total}
	10 a 12	%	13 a 15	%	16 a 18	%	
Alta (79 a 100)	14	20	47	14	22	47	2
Média Alta (71 a 78)	17	25	50	15	24	44	2
Média Baixa (61 a 70)	13	19	26	23	36	52	2
Baixa (até 60)	24	35	60	11	17	27	5
Total por idade		68			63		11
							142

Tabela 4. Pontuação Média por Dimensão do (SEI)- Forma A ($N=142$)

Dimensões	m	dp	Mínimo	Máximo
Família	0,57	0,19	0,13	0,88
Escola	0,60	0,19	0,13	1
Grupo social	0,74	0,17	0,25	1
Eu geral	0,72	0,14	0,35	1

aos sujeitos do sexo feminino, houve discreta predominância no quartil auto-estima baixa com 19 (29%).

A tabela 3 apresenta a pontuação geral dos sujeitos por faixa etária. Pode-se verificar no quartil auto-estima baixa que dos 40 (28%) sujeitos agrupados neste quartil, 24 (60%) estavam na faixa etária de dez a 12 anos. Do total de sujeitos com auto-estima média baixa 23 (52%) estavam na faixa de 13 a 15 anos. Entre os que apresentaram auto-estima média baixa 25 (73%) estavam na faixa etária de 13 a 15 anos.

“social” (78), “eu geral” (74), “escola” (61) e “família” (59). Situaram-se abaixo destas as faixas etárias de 13 a 15 anos [“grupo social” (72), “eu geral” (70), “escola” (57)] e de 16 a 18 anos [“grupo social” (52), “família” (52) e “escola” (48)].

Com relação à precisão do Inventário de Auto-Estima (SEI)-Forma A, é importante salientar que tais resultados devem ser analisados sob a perspectiva de um estudo inicial com dito instrumento. Os resultados obtidos apontam índices de precisão considerados razoáveis. Todavia, quando observados os resultados da correlação item-total, foram constatados itens indicando baixa consistência interna. Estas devem ser as principais preocupações nos estudos subseqüentes. Isto é, convém considerar a possibilidade de uma melhor adaptação transcultural do instrumento, e até a supressão de itens que revelem baixa consistência interna, e que não estejam mediendo o que o inventário se propõe a medir.

Comparativamente, o resultado relativo à precisão do SEI Geral obtido no presente estudo não é equivalente ao resultado apresentado por Coopersmith (1967), que, em seu estudo inicial, obteve um índice de precisão de 0,88. Neste estudo o autor utilizou o método de teste-reteste para uma amostra de 50 crianças (com cinco semanas de intervalo) e em outra amostra de 56 crianças (com três anos de intervalo) obteve o índice de 0,70.

Com respeito à precisão, em função das quatro dimensões estudadas pelo instrumento, é digna de nota a pesquisa de Donaldson (Coopersmith, 1989). Este estudo valeu-se de uma amostra de 643 crianças de escola pública norte-americana de terceira à oitava série, de diferentes níveis sócio-econômicos, e a correlação encontrada entre as dimensões estudadas pelo SEI foi de 0,02 a 0,52.

Outra investigação sobre a consistência interna do Inventário de Auto-Estima (SEI)-Forma A, realizada por Kimball (Coopersmith, 1989), que aplicou o instrumento em 7600 crianças de escolas públicas norte-americanas, incluindo todas as classes sócio-econômicas e grupos étnicos diversos, resultou em índices de precisão entre 0,87 e 0,92.

Com respeito à pontuação (SEI Geral) dos sujeitos, verificou-se maior incidência de sujeitos no quartil Auto-Estima Baixa. Quanto ao gênero, os sujeitos do sexo masculino e feminino se distribuíram com maior freqüência no quartil médio. Considerando a idade, as diferenças

não foram significativas. Todavia, os sexos diferiram quanto a observaram diferenças entre os resultados obtidos no Inventário de Auto-Estima (SEI) e a pontuação acima do padrão do inventário (Coopersmith, 1989) constatou que existiam diferenças nas médias de estudos de auto-estima encontradas no seu estudo, com meninas obtendo maior pontuação no SEI-Forma A. Por outro lado, Mruck (1978) constataram que sujeitos de ambos os sexos ($N=175$) apresentaram maiores níveis de deseabilidade social e mostraram menor desempenho em pontuação relativa à “grupo social” que obtiveram na avaliação da auto-estima. Com exceção das meninas na quarta série, com exceção das meninas que obtiveram maiores pontos em termos de auto-estima. Para Mruck (1998), é consenso que a auto-estima influir em certo grau sobre a auto-estima. No entanto, se produz numa direção razoável, dependendo dos termos de estrutura geral, as meninas parecem inclinar-se para os extremos de auto-estima (serem valorizadas ou rejeitadas) e os homens tendem a se inclinar para a dimensão de competência (exibir competências).

Ainda considerando-se os resultados, as meninas estudantes mais novas apresentaram maior predominância no quartil auto-estima alta, enquanto as meninas com idades intermediárias apresentaram maior número no quartil auto-estima baixa. As meninas que se concentraram no quartil auto-estima alta contrariaram o que é habitualmente observado, que refere auto-estima mais alta entre as meninas, que podem ser atribuídas ao acaso ou ao fato de que a auto-estima não ter discriminado com precisão entre os sexos.

Com relação à precisão do SEI Geral obtido no SEI-Forma A, os resultados obtidos foram considerados razoáveis. Ao analisar os resultados obtidos através da correlação item-total,

Para futuras investigações sugerem-se novas análises dos itens do Inventário que revelaram problemas, suprimindo aqueles que, por ventura, não sejam representativos na avaliação da auto-estima na realidade brasileira. O aperfeiçoamento deste instrumento ou a construção de um novo instrumento baseado neste estudo, que seja adequado à população brasileira, contribuirá para o progresso do estudo e avaliação da auto-estima, bem como para a prática profissional dos psicólogos.

Referências

- Almeida, L. S., Prieto, G., Muñiz, J. & Bartran, P. (1998). O uso dos testes em Portugal, Espanha e Países Ibero-Americanos. *Psychological*, 20, 27-40.
- Azevedo, M. M., Almeida, L. S., Pasquali, L. & Veiga, H. M. S. (1996). Utilização dos testes psicológicos no Brasil: Dados de estudo preliminar em Brasília. Em L. S. Almeida, S. Araújo, M. M. Gonçalves, C. Machado & M. R. Simões (Orgs.), *Avaliação psicológica: Formas e contextos* (Vol. IV, pp. 213-219). Braga: Associação dos Psicólogos Portugueses.
- Andrew, C. & Tracy, N. (1996). First steps toward competence: promoting self-esteem and confidence in young children with disabilities. Em L. E. Powers, G. H. S. Singer & J. Sowers (Orgs.), *On the road to autonomy: promoting self-competence in children and youth disabilities* (pp. 373 - 387). Baltimore: Paul H. Brookes.
- Bartram, D. (1999). *International guidelines for the development of test-user performance standards. Version 4. 1: Second Consultation Draft* (http://cvuis.kub.nl/~fsw_1/itc/itcfam4.htm). Recuperado em 27/01/1999.
- Baumrind, D. (1967). Child care practices antecedent three patterns of preschool behavior. *Genetic Psychology Monographs*, 75, 43-88.
- Bednar, R. L. & Peterson S. R. (1995). *Self-esteem: Paradoxes and innovations in clinical theory and practice*. Washington, American Psychological Association.
- Bracken, B. A. (1996). *Handbook of self-concept: Developmental, social, and clinical considerations*. New York: Wiley.
- Brown, L., & Alexander, J. (1991). *Self-Esteem Index*. Austin, TX: Pro-Ed.
- Buss, A. H. (1995). *Personality, social behavior and the self*. Massachusetts: Allyn & Bacon.
- Coll, C., Palacios, J. & Marchesi, A. (1995). *Desenvolvimento psicológico e educação: Psicologia evolutiva*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Coopersmith, S. (1967). *The antecedents of self-esteem*. San Francisco: Freeman.
- Coopersmith, S. (1989). *Coopersmith Self-Esteem Inventory*. Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press.
- Cowan, R., Altmann, H. & Pysh, F. (1978). A validity study of selected self-concept instruments. *Measurement and Evaluation in Guidance*, 10, 211-221.
- Guzzo, R. S. L. (1999). *T-CRS Adaptation Process for Brazil*. Manuscrito não publicado. Departament of Psychology, University of Rochester, Rochester, NY.
- Guzzo, R. S. L., Gayotto, A. C. G., Messias, T. S. C. (1996). Auto-estima, autoconceito e desenvolvimento cognitivo. In *Anais IV Encontro de Iniciação Científica*. Campinas, SP.
- Hambleton, R. K. (1994). Guidelines for adapting educational tests: A progress report. *European Journal of Psychological Assessment*, 10, 229-244.
- Harter, S. (1993). Causes and consequences of low self-esteem in children and adolescents. Em L. E. Powers, G. H. S. Singer & J. Sowers (Orgs.), *On the road to autonomy: Promoting self-competence in children and youth disabilities* (pp. 165-169). Baltimore: Paul H. Brookes.
- Marsh, H. W. (1988). *Self-Description Questionnaire*, I. Psychological Corporation.
- Marsh, H. W. (1990). *Self-Description Questionnaire*, II. Psychological Corporation.
- Martins, S. R. S. (1997). *Auto-conceito em crianças repetidoras: procedimentos de avaliação*. Dissertação de Mestrado de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo.
- Mruck, C. (1998). *Auto-estima: Investigación, teoría y práctica*. Brouwer.
- Nisbet, J. (1996). The interrelationship of education, self-esteem and achievement. Em L. E. Powers, G. H. S. Singer & J. Sowers (Orgs.), *On the road to autonomy: Promoting self-competence in children and youth disabilities* (pp. 171-185). Baltimore: Paul H. Brookes.
- Piers, E. V. (1984). *Piers-Harris Children's Self-Concept Scale*. Los Angeles, CA: Western Psychological Services.
- Poppovic, A., Esposito, Y. L. & Cruz, L. M. C. (1979). *Auto-estima: Uma metodologia para o seu estudo*. Cadernos de Pesquisa, 19, 1-12.
- Powers, L. E., Singer, G. H. S. & Sowers, J. (1996). Self-esteem and disability. Em L. E. Powers, G. H. S. Singer & J. Sowers (Orgs.), *On the road to autonomy: Promoting self-competence in children and youth disabilities* (pp. 3-24). Baltimore: Paul H. Brookes.
- Rosenberg, M. (1979). *Conceiving the self*. New York: Basic Books.
- Rosenberg, M. (1983). *La auto-estima del adolescente*. Aires: Paidós.
- Sanches, G., Jiménez, F. Y. & Merino, V. (1997). Auto-estima en adolescentes: Una reflexión para la orientación. In *Actas del Congreso de la Psicología de la PUC*, XV, 201-221.
- Souza, Y. C. (1978). *Auto-imagens de adolescentes de pressão exploratória*. Dissertação de Mestrado não publicada. Faculdade de Psicologia da Universidade de São Paulo, SP.
- Wells, E. L. & Marwell, G. (1976). *Self-esteem: Its conceptualization and measurement*. California: Sage.
- Wyllie, R. C. (1974). *The self-concept: A review of methods and measuring instruments*. Lincoln: University of Nebraska Press.